

## A CLÍNICA E A FAMÍLIA NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Hítala Maria Campos Gomes<sup>1</sup>; Lucas Fraga Gomes<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Psicóloga Especialista em Psicologia Clínica e da Família, Psicanalista, Professora do departamento de Psicologia da Faculdade Multivix (Cariacica/ES e Vila Velha/ES), coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa “Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade” em Vila Velha e do Projeto de Extensão Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade em Cariacica.

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia, Psicólogo Especialista em Psicologia Clínica e da Família, Psicanalista, Professor do departamento de Psicologia da Faculdade Multivix (Vitória/ES)

### RESUMO

A psicanálise entende que família não se trata necessariamente de indivíduos com algum parentesco biológico e sim de como as funções são exercidas, mesmo que por diferentes sujeitos. Assim, Lacan entende que a família sempre terá uma função que vai além da função biológica, ou seja, teria uma função de transmissão. A transmissão acontece antes mesmo do nascimento, já que este é cercado por grandes expectativas. Os pais da criança imaginam como ela será, com quem será parecida, qual profissão poderá exercer.

Estas expectativas já mostram que os familiares investiram afeto nesta futura criança. Com isso, o papel dos familiares é fundamental para a inserção deste novo ser no mundo e, também para sua constituição subjetiva. Desta maneira, tudo que acontecer nos primeiros anos de vida terá um impacto na vida do sujeito, seja de forma positiva ou negativa. Este trabalho tem por objetivo demonstrar como as relações familiares afetam o desenvolvimento do sujeito e quais as possíveis saídas oferecidas pela psicanálise diante das dificuldades e até mesmo diante da falta das funções materna e/ou paterna.

**Palavras-Chave:** Família, atendimento de crianças, psicanálise, complexos familiares.

## ABSTRACT

Psychoanalysis understands that family is not necessarily about individuals with some biological kinship, but about how the functions are performed, even if by different subjects. Thus, Lacan understands that the family will always have a function that goes beyond the biological function, that is, it would have a transmission function. Transmission takes place even before birth, as this is surrounded by high expectations. The child's parents imagine what he will be like, who he will look like, what profession he will be able to practice. These expectations already show that family members have invested affection in this future child. The role of family members is fundamental for the insertion of this new being in the world and also for its subjective constitution. In this way, everything that happens in the first years of life will have an impact on the subject's life, whether positively or negatively. This work aims to demonstrate how family relationships affect the development of the subject and what are the possible solutions offered by psychoanalysis in the face of difficulties and even in the face of the lack of maternal and/or paternal functions.

**Keywords:** Family, child care, psychoanalysis, family complexes.

## 1. INTRODUÇÃO

A família pode ser definida como a união (reconhecida pela cultura) entre um indivíduo do sexo masculino com um indivíduo do sexo feminino e que: “[...] supõe a aliança de um lado (o casamento) e uma filiação do outro (os filhos)”. (ROUDINESCO, 2003, p. 14) A presença da família nas sociedades remonta aos registros do historiador grego Heródoto em que já se podiam catalogar cerca de quatro a cinco mil famílias.

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss chega a afirmar que “[...] a vida familiar apresenta-se em praticamente toda a sociedade humana mesmo naqueles cujos hábitos sexuais e educativos são muito distantes dos nossos [...]” (LÉVI-STRAUSS apud ROUDINESCO, 2003, p.13).

Porém, desde os tempos de Heródoto até os dias atuais a instituição familiar sofreu modificações, bem como a forma de lidar com a construção do sujeito e sua

subjetividade. Inicialmente patriarcal, a estrutura familiar em determinado momento histórico irá sofrer alteração com a ascensão do matriarcado. Áries (1981) faz um estudo histórico da família e mostra como esta mudou de sua forma coletiva para a individual, nascendo aí o que Áries irá definir como sentimento de família. Esta mudança se refletiu com a diminuição de membros que formam a instituição familiar.

Até o século XVII, a família não existia como um sentimento ou valor, era mais uma realidade moral e social, e a partir desse momento, muitas transformações ocorreram. Segundo Ariès (1981, p.162):

É entre os moralistas e educadores do século XVII que vemos formar-se esse outro sentimento da infância [...] que inspirou toda a educação até o século XX, tanto na cidade como no campo, na burguesia como no povo. O apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral.

Mesmo já existindo esta diferenciação entre criança e adultos desde o século XIII, o século XVII se torna um marco decisivo, pois é neste momento que a criança se torna o centro de composições (na pintura, na iconografia), aparecendo nas pinturas agora sozinhas, e até mesmo nuas. No final do século XVIII, a família se fecha, se individualiza, e assume uma função moral. Além disso, surge também uma identidade, os membros da família se unem pelo sentimento, costume e o gênero de vida (ARIÈS, 1981).

De acordo com Donzelot (1986), é ainda no final deste século que aparece a ação da medicina doméstica, conferindo à mulher um novo poder. As funções maternas ganham maior importância, e diminuem as influências externas na criação dos filhos, assim, a mãe transforma-se numa educadora. Nesse momento, a medicina aparece como uma forma preventiva.

Nas famílias burguesas, os médicos alertam a respeito da educação “errônea” ao deixar os filhos no internato, ou sujeitá-los a programas excessivos, e no final do século XIX se inicia uma educação mista, familiar e escolar. Nas famílias pobres ocorreu o inverso, muitas crianças foram abandonadas em hospícios para menores. Deste modo, eram submetidas, basicamente, a muitas horas de trabalho e a poucas horas de uma instrução muito precária. Não era interessante que se “aprendesse a pensar”, pois isso poderia fazer com que os indivíduos questionassem a ordem

vigente. Era apenas importante que “aprendessem a trabalhar” para que a produção industrial aumentasse. (DONZELOT, 1986)

A escola aparece neste contexto como uma solução possível, prudente, barata e preventiva, contra as resistências individuais e coletivas para com as novas condições de vida e de trabalho.

Ariès (1981), aponta que nos séculos XVIII e XIX a escolaridade aumentou sua duração, junto com as exigências disciplinares rigorosas. Nesse período, a educação também se torna possível às mulheres. Surge, contudo, um ensino duplo, que faz distinção de acordo com a condição social: de um lado escolas para os burgueses e de outro, escolas para o povo. O acesso ao saber se torna exclusividade da escola e só é considerado legítimo se obtido nesta instituição.

Hoje, com o capitalismo, a infância passou a se situar numa nova posição social, a criança passa a ser coadjuvante dos pais, já que pelo trabalho escolar elas se preparam para assumir seu futuro lugar de trabalhador e cidadão.

No século XXI configuram-se novos modelos de família: casais homoafetivos, mães que decidem ter um filho sozinhas, sem parceiros, casais heterossexuais, casais que adotam uma criança, casais que tem um animal doméstico como membro da família, etc. Embora ainda não se exista um consenso, já que muitos grupos religiosos não consideram essas novas configurações como famílias, é possível nota-las cada vez mais presente na sociedade.

No aspecto escolar, é possível perceber fortemente a presença de uma política segregacionista e reducionista nas instituições de ensino, um exemplo é o convite que a escola faz ao aluno que não passa de ano de se retirar da escola, favorecida pela convivência dos pais. Tais políticas passam a ser justificadas até mesmo cientificamente, por meio de explicações que se esgotam no plano das diferenças individuais de capacidade (PATTO, 1997).

Muitas vezes, as práticas e os processos escolares que dificultam a aprendizagem não são levados em consideração, tendendo a produzir nos alunos atitudes e comportamentos que os rotulam como “indisciplinados”, “bagunceiros”, “burros”, “hiperativos”, “agressivos”, e/ou “com alguma deficiência mental”. Estas atitudes têm

sido colocadas como legitimidade. Classificam-se as crianças para fins de inclusão ou exclusão na escola, no entanto, tal fato, acaba por tomar verdadeiro o que seria útil e prático para a própria escola. Afinal, é mais fácil achar um culpado, e que este culpado seja sempre o outro. Nem mesmo a psicologia escapa deste cientificismo que coloca o sujeito como “coisa”, “objeto”, já que com seus testes e laudos, muitas vezes, apenas reduzem estes sujeitos, criando estigmas e excluindo (PATTO, 1997).

De acordo com Lacan (2002), pela capacidade de comunicação mental a espécie humana tem um desenvolvimento singular das relações sociais. São permitidos uma variedade infinita de comportamentos adaptativos.

A cultura, por sua vez, introduz a família como dimensão específica na realidade social e na vida psíquica. A família, então, desempenha um papel primordial na transmissão da cultura, ela transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência. “[...] a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente chamada de materna”. (LACAN, 2002, p.13)

Nos dias atuais se observa um novo processo de modificação desta estrutura, com o aparecimento das famílias monoparentais e, também as homoparentais. Assim, a história da instituição familiar é marcada por transformações e é a partir dos efeitos destas que se pode tornar possível um estudo da família.

Seguindo os ensinamentos de Laurent (2007) não se trata de pensar as modificações da família de uma forma nostálgica, sempre retomando um certo modelo tradicional de família. Ao contrário, mesmo com as modificações que acontecem na sua estrutura existe algo que, como diz Laurent, no fim, subsiste. Subsiste, pois mantém sua função de transmissão. Ele ainda acrescenta que mesmo com toda a pluralização, continua-se falando de família, pois esta é uma instituição que permite a articulação entre as gerações, bem como os bens e direitos.

É importante ressaltar que para a psicanálise, quando se fala de família, não se fala necessariamente em indivíduos com algum parentesco biológico e sim em funções que são exercidas por diferentes sujeitos. Assim, um tio pode exercer a função de pai ou mesmo uma mãe pode encarnar as funções de mãe e, também, de pai. Desta maneira, a psicanálise ao pensar a instituição familiar:

[...] privilegia o estudo vertical das filiações e das gerações insistindo nas continuidades ou nas distorções entre pais e os filhos bem como na transmissão dos saberes e das atitudes herdadas de uma geração a outra. [...]. (ROUDINESCO, 2007, p. 14).

Assim, de acordo com Lacan (2002) a família sempre terá uma função que vai além da função biológica, ou seja, teria uma função de transmissão. Esta função de transmissão é claramente evidenciada no processo de dar nome aos filhos. O nome é uma forma de perpetuar a história de gerações familiares. Muito além de uma perpetuação da espécie, um filho que porta os nomes dos pais, além de ser depositário dos ideais daqueles, transmite gerações.

Toda criança que nasce necessita que seja acolhida pelo desejo dos seus pais. Abandonar uma criança pode representar um destino incerto para ela. Para Laurent (2007), as crianças precisam ser criadas de forma que consigam apreciar a si mesmas, que consigam construir o seu lugar e a sua posição subjetiva.

As figuras do pai e da mãe são peças fundamentais na estruturação psíquica do sujeito. A figura da mãe é importante pois será ela que inicialmente responderá ao apelo da criança; a mãe será o primeiro contato da criança, alimentando-a e respondendo a seus apelos (gestos, gritos, olhares). Assim, se a mãe responde aos apelos da criança, ela é mais do que mãe biológica, é uma mãe simbólica que exerce uma função de mediação. Esta função de mediação que Lacan (nota sobre a criança) elabora mostra que, caso não seja exercida esta função, a criança corre o risco de se deixar morrer.

Assim, o vir a ser se dá por uma resposta do adulto. Segundo Ansermet (2003, p.72): “[...] Se a criança não é considerada sujeito pela resposta do adulto, em uma espera que transforma as necessidades sem demanda, ela pode até se deixar morrer”.

A figura do pai também é importante pois permite que a criança reconheça a existência de algo além da relação com a mãe e conseqüentemente ascender como sujeito. Esta ação da função do pai é que garante a singularidade do sujeito, visto que não se torna possível universalizar as conseqüências deste ato. Resumindo, pode-se dizer que as funções paternas e maternas são as que permitem, conjuntamente, que o sujeito entre no campo da realidade.

## 2. OS COMPLEXOS FAMILIARES

Se a família deve ser compreendida pelas relações sociais, os complexos são dominados por fatores culturais. Eles se revelaram como a causa de efeitos psíquicos não dirigidos pela consciência, como por exemplo: atos falhos, sonhos e sintomas. Os complexos também desempenham um papel de “organizadores” no desenvolvimento psíquico. Lacan (2002) apresenta três complexos (complexo do desmame, complexo da intrusão e complexo de Édipo), que surgem justamente a partir destas interações com aqueles que desempenham estas funções primordiais na constituição subjetiva da criança.

O complexo do desmame relaciona-se à regulação cultural, que no homem é que condiciona o desmame, o oposto dos animais que possuem uma regulamentação pelos instintos. Desse modo, o desmame será frequentemente um traumatismo psíquico, o que não significa ser um problema.

A sociedade atual tem uma tendência a achar que não se pode mais traumatizar os filhos, mas, no entanto, o trauma é fundamental para a constituição subjetiva do sujeito.

A criança muito precocemente adquire certo conhecimento da presença que a função materna exerce para ela, e o papel do traumatismo causal que em algumas neuroses e certos distúrbios de caráter pode desempenhar uma substituição desta presença. (LACAN, 2002)

O atraso no desenvolvimento da dentição e da marcha em relação a maioria dos aparelhos e funções, determinam na criança uma impotência vital total que vai além dos dois primeiros anos de vida. Desse modo, um abandono da criança nestes primeiros anos seria fatal para ela. Nesse sentido, pelo aleitamento e pelo afeto que é transmitido neste momento, a mãe ao mesmo tempo recebe e satisfaz o mais primitivo de todos os desejos.

Freud (1905) em seus Três ensaios para a teoria da sexualidade aponta como este momento inicial da amamentação e dos cuidados maternos é fundamental para o despertar a pulsão sexual na criança e no desenvolvimento da sua sexualidade na vida adulta, além de ser importante para todas as realizações éticas e psíquicas, para

a vida anímica como um todo. A ternura que a mãe transfere a seu filho é muito importante.

Quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa, afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão. (FREUD, 1905, p.211)

Dependendo do que ocorre neste período de amamentação e desmame alguns sintomas podem surgir nas crianças, ou mesmo num momento posterior: anorexias, toxicomanias pela boca, neuroses gástricas. Mesmo ainda muito pequena, a criança é capaz de também fazer uma recusa ao seio, à alimentação, que pode ser um meio de se defender dos excessos vindos desta mãe, mas que também podem trazer prejuízos para a própria saúde.

A função da mãe aparece para Lacan (1969) como um interesse particularizado. Para a criança se constituir enquanto um sujeito é necessário estar implicada numa relação com um desejo que não seja anônimo.

O sujeito é definido e conhecido no lugar do Outro, e não como uma consciência de si. Ele se conhece por meio dos outros e não por si próprio.

Fato que ocorre mesmo antes da criança nascer, quando esta já ocupa um lugar enquanto sujeito para alguém. Já é inserida num contexto, ou numa história, definida pelo desejo desse Outro e dos deslizos significantes. (LACAN, 1960-64)

É muito importante também para o desenvolvimento da criança que a mãe consiga fazer a separação entre mãe e mulher, pois “a criança lhe dá, imediatamente acessível, aquilo que falta ao sujeito masculino: o próprio objeto de sua existência, aparecendo no real”. (LACAN, 1969, p.370)

Ou seja, a criança realiza a presença do objeto a que faltava à mãe. É preciso haver aí uma mediação, que geralmente é exercida pela função do pai, caso contrário a criança ficará exposta à todas as possibilidades de fantasia da mãe, ela se torna essencialmente este objeto da mãe.

Pensando, no momento que vivemos, tudo fica ainda mais complexo. É claro que não é necessário que seja uma família dita tradicional para que as funções se realizem,

sabemos que qualquer pessoa pode assumir as funções materna e paterna. Mas a ciência em desenvolvimento, permite cada vez mais o nascimento de uma criança sem a presença física de um homem. Os efeitos que surgem daí devem ser pensados e analisados a cada caso.

Outro complexo que Lacan (2002) trabalha é chamado de Complexo da intrusão. Este ocorre quando o sujeito se reconhece como tendo irmãos. As condições variam de acordo com a cultura, já que algumas irão privilegiar determinado gênero ou determinada ordem de nascimento (o primogênito, ou o filho homem, etc.).

O papel traumatizante do irmão é constituído pela intrusão do recém-chegado. Precocemente (entre os 6 meses e os 2 anos) já é possível ter um esboço do reconhecimento de um rival, de um outro como objeto. Essa ambiguidade original (amor e identificação) aparece no adulto através da paixão e do ciúme amoroso.

A imagem de um irmão não desmamado atrai uma agressão especial e demonstra uma estrutura do ciúme que terão um papel na gênese da sociabilidade e do próprio reconhecimento enquanto humano.

O sujeito ou irá recusar este irmão ou se identifica a ele e o acolhe. A reação da criança depende do seu desenvolvimento psíquico. Só após a passagem pelo Complexo de Édipo, o intruso é adotado no plano das identificações parentais, e se torna para o sujeito uma pessoa digna de amor ou ódio.

De acordo com Lacan (2002), o Complexo de Édipo tem como base as pulsões genitais que se iniciam aos 4 anos e se dirigem ao objeto mais próximo, normalmente o progenitor do sexo oposto. As frustrações são referidas ao progenitor do mesmo sexo, esta frustração é acompanhada de uma repressão educativa. Isso não é uma regra. O desejo de amor pode ser dirigido ao progenitor do mesmo sexo, ou pode não ocorrer uma escolha de objeto muito clara.

A tensão se resolve por um lado pelo recalçamento da tendência sexual que permanecerá latente até a puberdade, e por outro lado pela sublimação da imagem parental. O desejo edipiano aparece mais intenso no menino para a mãe e a repressão se exerce do pai para o filho. Aí se encontra o complexo de castração.

Ao mesmo tempo que complexo de Édipo marca o ápice da sexualidade infantil, também é o móvel do recalque.

Lacan aponta que o pai deve ser uma encarnação da Lei no desejo, e assim, ele exercerá a função de mediador da relação entre a mãe e a criança, impedindo que ocorra uma simbiose entre ambas. Neste momento, Lacan ainda aponta que a criança irá responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar. “O sintoma pode representar a verdade do casal familiar”. (LACAN, 1969, p.369)

Lacan em sua releitura de Freud apresenta o conceito de metáfora Paterna para apresentar a relação de causalidade entre o pai como causa e a castração como efeito. (MILLER, 2009)

O que Lacan (1957-1958) destaca com o Nome – do – Pai é o seu caráter de função, ou seja, que deve ser exercida por alguém que encarne a lei e possa interferir simbolicamente na relação dual entre mãe e criança, possibilitando assim o surgimento da criança enquanto um sujeito.

Dessa forma, o significante do Nome-do-Pai deveria atuar sobre o significante Desejo-da-mãe, permitindo assim que o filho dê uma significação a sua existência, não sendo apenas um objeto desta mãe.

### **3. A PSICANÁLISE COMO UMA SAÍDA**

Em Freud o pai por essa ação castradora era capaz de intervir na relação mãe-criança, possibilitando que surgisse daí um sujeito desejante. Esta seria a saída bem-sucedida do complexo de Édipo. O pai era um modelo de identificação a ser seguido.

O que Lacan irá perceber, é que o pai já não possuía o mesmo poder que antes. Lacadée (2014) aponta para as mudanças no lugar do Outro parental no século XXI, onde os objetos de gozo são cada vez mais diversos e acessíveis tornando-se novas bússolas às crianças desbussoladas, sem identificação. Ou seja, perde-se a referência paterna, e qualquer coisa, objeto de desejo ou consumo passa a ocupar este lugar.

A cultura atual, dessa forma, desloca a demanda de saber ao gozo. Desse modo, desemboca em um gozo ilimitado, infinito. Nesse contexto, os indivíduos passam a

ser “socialmente formados” para procurar cada vez mais prazer, mais felicidade, e ainda assim, nunca há satisfação, e as sensações só vão sendo acumuladas.

Se por um lado há uma possibilidade de liberdade sem restrições, e uma certeza de felicidade, por outro lado essa permissividade irrestrita provoca também um incomodo, gera-se angústia, sofrimento e até mesmo adoecimento.

Diante disto, é possível notar também o declínio da referência paterna e dos ideais que ligavam o sujeito a seu ideal do eu. Por vezes falta um direcionamento por esta via, predominando-se, assim, uma pela via de valores que remetem diretamente ao gozo, ou a valores narcisistas. “A lei articulada aos ideais foi substituída por uma lei fora da Lei articulada unicamente ao gozo. Trata-se de uma sociedade na qual é cada um por si, em que não existe convergência identificatória na figura de alguém excepcional”. (JIMENEZ, 2004, p.4)

É numa tentativa de recuperar o gozo perdido, que muitas vezes a criança fica aprisionada aos gadgets modernos. Vê-se, por exemplo, crianças muito pequenas que só comem se tiverem vendo um vídeo no tablet, jogando em celulares, e que mal acabaram de nascer, mas já tem seu próprio perfil nas redes sociais.

Diante deste gozo, cabe ao analista enviar o sujeito à sua particularidade. A psicanálise destrói a crença na solução universal, dando lugar à solução de cada um. De acordo com Miller (2012, p.9), quanto ao atendimento clínico das crianças:

A criança entra no discurso analítico como um ser de saber e não somente como um ser de gozo. Seu saber é respeitado como aquele de um sujeito em pleno exercício pois ela é sujeito em pleno exercício e não ‘sujeito a vir’, como ela é aos olhos da pedagogia; é um saber respeitado em sua conexão ao gozo que o envelope, que o anima e do qual podemos mesmo dizer, que o gozo se confunde com ele.

Miller (2012) ainda acrescenta, que no tratamento com a criança há a possibilidade de intervir antes que os efeitos do sintoma tenham sido estabilizados, e mesmo que isso tenha acontecido, é ainda possível orientar o ciclo do sintoma, para que o sujeito encontre sua ordem e segurança.

A psicanálise, assim, não é como a medicina, a ciência ou a psicologia, que criam diagnósticos, causas e rótulos. Ao contrário, ela aponta para os traços subjetivos do sintoma, responsabiliza o sujeito, e a partir disto, ele tem a possibilidade de orientar-

se no que causa sua vida. Dessa maneira, a psicanálise intensifica a singularidade de cada um.

Este gozo, este sintoma, este sofrimento, este não saber do que se fala, eis o que há de um único em cada caso. Com isso, o psicanalista considera que o sujeito pode assumir alguma coisa, e o que a psicanálise oferece ao sujeito, frente à sua verdade, a qual sofre, é a decisão do saber e a sua possível tradução. (LACADÉE, 2008)

Existe, porém, um limite. A criança não conseguirá desvendar e decifrar todo o desejo do qual ela provém. Mas, a psicanálise permite pensar o uso que as crianças fazem dos projetos que estão sendo confrontadas. Diante das novas estruturas familiares, como a criança ordena as coordenadas de seu gozo entre seu vínculo com a mãe e a significação fálica?

Laurent (2011, p.38) dirá ainda que a posição do psicanalista é “[...] proteger a criança dos delírios familiares, proteger as crianças dos ‘laços familiares’, de suas novas formas, das paixões que os habitam, do infanticídio secreto que é o desejo de morte escondido sob o laço familiar”.

Quando a criança aparece ocorre uma grande fragmentação no círculo familiar, uma vez que as expectativas e desejos geralmente se diferem do real.

Desse modo, fica evidente que o sujeito não se constitui sozinho e mesmo antes dele nascer, já é permeado pelos aspectos culturais, sociais, familiares, e pelo desejo de seus pais. Como os encontros têm também suas falhas e seus fracassos, de uma maneira ou de outra isto afetará a criança.

A partir dessa constituição subjetiva pode surgir alguns sintomas. Neste sentido, o sintoma da criança pode sim ocupar o lugar de representante da verdade da estrutura familiar. No entanto, ao contrário de outras práticas clínicas a psicanálise não se contenta em pensar a criança apenas como um efeito da relação familiar. Se assim fosse, não caberia análise a elas, e sim aos seus pais.

Portanto, não é possível se pensar numa criança como um indivíduo puro, que não tem consciência de nada, e que não pode ser responsabilizada por nada. A maneira delas, e na forma de compreender delas, dar este lugar de responsabilidade no

tratamento é também dar um espaço de voz e de escuta ao clamor muitas vezes silencioso de seus sintomas.

Laurent (2011, p.43) aponta que:

Nossa posição é a de manter a prática da análise com as crianças, colocando-nos no bom lugar, frente a este contexto global. Se soubermos fazê-lo, então não há dúvida e verifica-se nos resultados da análise com as crianças de hoje, não há dúvida de que com o apoio das crianças, podemos seguir nossa orientação no discurso.

A participação e a implicação da criança em seu tratamento são sem dúvida fundamentais à psicanálise, e os efeitos disto serão notados.

Muitos pensam na criança a partir de seu desenvolvimento cronológico, que por ser muito jovem, por não estar totalmente desenvolvido, não seria capaz, não seria um sujeito de desejos e decisões. A orientação da psicanálise vai na direção de permitir à criança reconhecer que nunca foi inocente, para que assim, o sujeito possa advir.

Dessa forma, a psicanálise objetiva a criança ao invés de simplesmente tomá-la por objeto. A psicanálise, portanto, acentua o advento do sujeito ao tomar a criança como um ser que também tem responsabilidade por seu sintoma. Isso porque o sintoma aparece como uma resposta do sujeito ao traumático do real. Diante disto, Drumond (2004) aponta que a pretensão do psicanalista não é prevenir o sujeito, muito menos escutá-lo com o intuito de fixar o sujeito na cena traumática, mas sim, buscar o tratamento do traumático pela palavra, fazendo com que o sujeito se responsabilize e ainda buscar soluções sintomáticas para o encontro do traumático.

Desde a sua vinda ao mundo a criança ocupa uma posição como objeto da fantasia materna, indicando assim, que ela é acolhida por um desejo que inclui morte e vida e que já traz a marca de um mal-entendido fundamental, dado pelo desencontro entre os sexos e o desejo da criança. Neste sentido, para não sucumbir à criança já trabalha para garantir seu espaço e seu lugar, que varia de acordo com as estruturas clínicas e pela forma que se revela a verdade deste objeto que a criança faz aparecer no real.

O encontro com o psicanalista permite à criança não ficar aprisionado aos efeitos desta fantasia materna e/ou familiar que perpetuaria o traumatismo, permitindo assim uma invenção.

De acordo com Barros (2004, p.48):

É preciso que o analista tenha a docilidade necessária para seguir o sujeito no trabalho que ele faz e, por outro lado, que esteja disponível ao imprevisto, não caindo na armadilha de transformar a experiência traumática na causa de todos os males que fixa o sujeito em um determinismo absoluto. Nesta perspectiva, se perde de vista a causa como corte, ruptura, que articula a experiência traumática, não com um destino implacável, mas sim ao real como impossível.

Portanto, a clínica psicanalítica vai além de apenas culpar e responsabilizar os pais pelos sintomas de seus filhos. Ela dá um lugar de fato às crianças, um lugar de escuta, de responsabilidade, de desejos e de decisões, que tornam a participação da criança fundamental para a efetivação do tratamento. Além disso, a psicanálise dá lugar também a reinvenção diante do sofrimento e da história que cada um carrega, e com isto, não existe a menor possibilidade de padronização, cada sujeito comporta suas próprias singularidades e terão que se a ver com elas.

## REFERÊNCIAS

ANSERMET, François. O traumatismo psíquico. In:\_\_\_\_\_. **Clínica da origem: a criança entre a medicina e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003. cap. 2, p.126-146.

\_\_\_\_\_. A ambiguidade sexual. In:\_\_\_\_\_. **Clínica da origem: a criança entre a medicina e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003. cap. 3, p.147-162.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BARROS, M.R.C.R. Duas modalidades de tratamento do gozo traumático. In: **Opção lacaniana**, São Paulo: Edições Eolia, n.39, maio de 2004.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986

DRUMOND, C. Os usos do sintoma na direção do tratamento analítico com crianças. In: **Opção lacaniana**, São Paulo: Edições Eolia, n.39, maio 2004. p.42-46.

\_\_\_\_\_. Ser mãe hoje e o consumo da criança. **Cien digital**, Belo Horizonte, n. 18, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/ciendigital/n18/entrevista.html>> Acesso em: 05 de mar. 2016.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. VII.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões sobre a psicologia do Escolar (1914). Rio de Janeiro: Imago, 2006. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIII.

\_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos(1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 2006. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII.

JIMENEZ, Stella. Política do medo. **Latusa digital**. Rio de Janeiro, n.9, set 2004. Disponível em <[http://www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_9\\_a3.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_9_a3.pdf)> Acesso em: 05 mar. 2018.

LACADEÉ, P. A bússola do sim e do não. **Cien digital**, Belo Horizonte, n.16. mai. 2014. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/ciendigital/n16/hifen.html>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. O que há de único em cada sujeito. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Edições Eolia, n.51, 2008.

LACAN, J. Nota sobre a criança (1969). In: \_\_\_\_\_. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 369-370.

\_\_\_\_\_. Posição do inconsciente (1960-64). In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.843-864.

\_\_\_\_\_. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**: ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58). In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.537-590.

LAURENT, E. **A sociedade do sintoma**: a psicanálise, hoje. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

\_\_\_\_\_. **Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2011.

LÉVY-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982

MILLER, J. A. A criança e o saber. **Cien digital**, Belo Horizonte, n.11. jan. 2012. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/ciendigital/arquivo3.html>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **A criança entre a mulher e a mãe**. Opção Lacaniana, São Paulo: Edições Eolia, n.21, 1997a.

\_\_\_\_\_. **O homem dos lobos (1ª parte)**. Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Número 56/57. São Paulo: Eolia, 2009.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.